



POR ELIZABETH DE CARVALHAES,
PRESIDENTE EXECUTIVA DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL (BRACELPA)
✉: FALECONOSCO@BRACELPA.ORG.BR

O VALOR SOCIAL DA FLORESTA ESTÁ EM ALTA

Parcerias com pequenos produtores por meio de programas de fomento florestal, de cunho social para geração de emprego e renda, capacitação profissional ou educação socioambiental, entre outras iniciativas, estão transformando o modelo de relacionamento das empresas de celulose e papel com públicos de interesse. Ao aliar eficiência econômica e desenvolvimento de comunidades, esses projetos fortalecem um conceito cada vez mais presente no setor: o valor social das florestas plantadas.

Esse novo modelo de relacionamento exige das empresas a criação e a implantação de mecanismos para garantir a efetividade das ações, como diagnóstico das demandas das comunidades, diálogo constante, encontros com líderes comunitários, agenda presencial de atividades, garantia de atenção às necessidades dessa população, entre outras demandas.

Um bom exemplo é o projeto Viveiros Produtivos e Locais, da Arauco. A empresa identificou em Arapotí (PR), onde atua, um produtor de mudas de eucaliptos com potencial para tornar-se importante fornecedor local. Após um diagnóstico, foi firmada uma parceria. A partir disso, o produtor passou a receber consultoria dos colaboradores da empresa para otimizar a produção.

Em seis meses, houve ganho de produtividade, redução do valor das mudas sem afetar o lucro, incremento dos salários e diminuição do consumo de água e de outros insumos do viveiro. Mais competitivo, o fornecedor continuou a prestar serviços para a Arauco de forma mais sustentável e com mudas de mais qualidade.

No extremo sul da Bahia, a parceria entre a Veracel e produtores rurais possibilitou, em 2011, a criação do Programa Produtor Florestal (PPF), voltado à certificação em grupo. Como principal resultado, 16 empreendimentos rurais conquistaram um feito até então inédito no Brasil: a dupla certificação (FSC e Cerflor). Atualmente, mais três grupos possuem os dois certificados. A atuação conjunta beneficia a ambos – produtores e empresa.

Um marco recente nas relações entre empresas e movimentos sociais é o programa de agrossilvicultura, desenvolvido pela Fibria em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no sul da Bahia. Nessa região, marcada por conflitos agrários,

a empresa investiu no diálogo para reverter uma disputa criada com a ocupação de áreas da companhia por membros do MST.

Como resultado, ocorreu a desapropriação facilitada de 12 mil hectares pertencentes à empresa, o que deu origem ao projeto Assentamentos Rurais Sustentáveis com Agroflorestas e Biodiversidade. A ação envolveu ainda o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e o governo da Bahia, com modelo de negócio elaborado por pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP).

A grande diferença desse assentamento está no fomento à agricultura familiar com a consultoria de uma renomada instituição de ensino, para melhor uso do solo, diversidade de produção, sistema consorciado agroflorestal com componentes nativos, como cacau e coco, bem como um modelo de assentamento com responsabilidade comercial. Centenas de famílias estão sendo beneficiadas.

Necessidades locais

Com o objetivo de capacitar professores para educar futuras gerações, a Klabin mantém desde 2001 o Programa Caiubi de Educação Ambiental. Reunindo esforços das empresas com órgãos do governo, fundações e outras organizações, foram criados projetos específicos às necessidades locais. Em pouco mais de dez anos, o Programa Caiubi beneficiou mais de 245 mil alunos e cerca de 9.500 professores de 771 escolas.

Também por meio de parceria com o governo do Maranhão, prefeituras, entidades locais, Senai e Senac, a Suzano Papel e Celulose passou a oferecer cursos de formação profissional em técnico de celulose e papel, operação florestal, manutenção, construção civil, montagem industrial e diversas carreiras do setor de serviços. As aulas ocorrem na região de Imperatriz, município no qual a empresa está construindo sua nova fábrica de celulose.

Relações entre empresas e comunidade devem pautar-se cada vez mais em questões socioambientais da indústria. Essa mudança de paradigma que prioriza a inclusão, os diálogos e os relacionamentos contínuos, com geração de valor social às comunidades, gera ganhos a todos os envolvidos e colabora para a perenidade do negócio. ■